



O MITO DO *PROTÁGORAS* DE PLATÃO: EXALTAÇÃO DA DEMOCRACIA PARA UMA DEFESA DOS SOFISTAS

Álan Arruda Matos*

Resumo: Para demonstrar a Sócrates que seu ofício de mestre de virtude é legítimo, o personagem Protágoras, no diálogo de Platão que leva o nome desse sofista, conta sua versão do mito de Prometeu, que narra a criação dos mortais. Por meio do mito, o sofista conta como, de forma progressiva, os homens desenvolveram os saberes técnicos (τέχναι) e a virtude política (πολιτική ἀρετή); e sustenta que a potência para as virtudes que tornam os homens aptos a viverem em sociedade, a saber, o respeito (αἰδώς) e a justiça (δίκη), é compartilhada por todos eles. Pretendo demonstrar, nesse artigo, me apoiando nos comentários de Luc Brisson, que Protágoras, por meio de sua narrativa, faz uma apologia do regime democrático da Atenas do século V a.C. para defender que seu ofício é não apenas legítimo, como também conveniente à polis; mas que, no entanto, podemos ler aspectos convergentes com o pensamento político do Platão da República.

Palavras-chaves: Virtude Política. Democracia Ateniense. Platão. Protágoras.

Em que o sofista é sábio? O problema proposto no diálogo *Protágoras* não é exatamente esse, mas pode-se dizer que essa questão foi o que motivou o personagem Sócrates a ir até Protágoras em uma das visitas desse sofista a Atenas. Então, qual a especialidade dos sofistas? O personagem Hipócrates, amigo de Sócrates, responde que são sábios na arte de falar. Mas falar sobre o quê? Pois se é para falar de um saber técnico, como a da construção, melhor seria ouvir um arquiteto do que um sofista.

Já na presença de Protágoras, Sócrates o questiona: que vantagem pode ter Hipócrates em ser um discípulo seu? O sofista responde que aquele que frequenta a sua companhia será melhor a cada dia. Protágoras não pretende dar o ensino completo (tradicional), como outros sofistas propunham. Mas ensina apenas as matérias que o discípulo pretende aprender (a gestão dos negócios particulares e dos negócios públicos), e assim fazê-lo o melhor possível, quer por ações quer por palavras (318d – 319a). Em síntese, Protágoras se propõe a ensinar a arte de gerir a cidade e tornar o homem um bom cidadão, ou seja, ensina a virtude política.

* Mestrando em filosofia – UFSM. E-mail: alanmatos@outlook.com.

Para Sócrates, o que o sofista se propõe a ensinar é duvidoso. O filósofo lembra que em assembleia, sobre assuntos navais, por exemplo, pede-se a ajuda de engenheiros navais, sobre construção, do arquiteto; porém, a respeito das decisões públicas, escuta-se a qualquer um (319a-d). Além disso, os filhos de um bom condutor, como Péricles, não são educados pelo próprio pai por ele saber que tal virtude não é transmissível, nem por sangue nem por educação (319e – 320b).

Em resposta à dúvida de Sócrates, a saber: se a virtude política pode ser ensinada; Protágoras conta um mito sobre a criação dos mortais. Os deuses criaram todos os mortais, fundindo terra ao fogo e outros elementos que eram passíveis de combinação com esses. Em seguida, quando os mortais já estavam quase prontos para habitar a superfície da terra, os deuses encarregaram os irmãos Prometeu e Epimeteu¹ de distribuírem aos mortais as qualidades que os tornariam distintos uns dos outros, e os dons que os permitiam sobreviver. Epimeteu propõe que ele mesmo faça sozinho a distribuição e propõe a seu irmão, Prometeu, fazer a revisão de seu trabalho. Epimeteu distribuiu cuidadosamente as qualidades entre os animais, de maneira que eles possam coabitar a natureza sem que uma espécie tenha grande vantagem sobre outra; dessa forma, mantendo o equilíbrio e evitando extinção de alguma espécie. Aquelas que não calharam de ser grandes e fortes, tornou-as pequenas e ágeis; às espécies que são presas naturais de outras, deu uma reprodução mais constante e numerosa que às espécies caçadoras. Além disso, revestiu algumas de pelos e outras de dura pele para que pudessem resistir as variações climáticas. Desse modo, Epimeteu, “que não era lá muito esperto”, (321b) fez a distribuição das qualidades com o devido cuidado para garantir a sobrevivência de todas as espécies irracionais; no entanto, foi esquecido por ele o homem, que acabou sendo deixado “nu, descalço, sem abrigo e sem defesa” (321c).

Para corrigir o erro do irmão, Prometeu roubou o saber técnico (ἔντεχνος σοφία 321d1) de Hefesto e Atena, juntamente com o fogo, e entregou-os aos homens. Contudo, a arte de gerir a cidade e a técnica militar, que são do domínio de Zeus, não puderam ser roubadas por Prometeu; uma vez que, para roubar Zeus, Prometeu teria que enfrentar a guarda que se situa aos arredores da acrópole onde está a morada do rei dos deuses (321d-e).

O presente que Prometeu deu aos homens criou um grau de parentesco (sugge/neia) entre essa espécie de mortal e os imortais. Esse parentesco é o que faz surgir nos homens a

¹ Prometeu e Epimeteu são irmãos gêmeos pertencentes à terceira geração dos imortais; são filhos de Jápeto e Clímene (ou Ásia). Na tradição mitológica, Prometeu é conhecido por sua sagacidade e é relacionado com a manipulação do fogo e o saber técnico (Ver verbete “Prometeu” in: GRIMAL, 2005. p. 396).

disposição para cultuar os deuses. Por isso, eles começaram a construir altares e imagens divinas; em seguida, os homens foram dominando as técnicas do som, da comunicação, da construção de moradias, da produção de vestimentas e alimentos. Entretanto, os homens viviam dispersos e isolados uns dos outros; isso deixava a espécie humana fragilizada em relação aos animais selvagens que habitavam ao seu redor. Era impossível aos homens uma união para que pudessem cooperar na defesa deles próprios, pois faltavam-lhes as qualidades necessárias para essa empresa. Vendo que a espécie humana estava a caminho da extinção, Zeus incumbiu Hermes de distribuir igualmente aos homens o respeito (*αἰδώς*) e a justiça (*δίκη*); além disso, Zeus mandou Hermes instituir, em seu nome, uma lei que banisse das cidades os homens incapazes de possuir essas duas virtudes com grande repugnância como se tratasse de uma peste. Com isso, os homens puderam cooperar, construir cidades e se defender dos animais selvagens.

Por meio desse mito, Protágoras tenta responder o motivo pelo qual, nas assembleias, a respeito das decisões políticas da polis, é dado a qualquer cidadão opinar. Pois, a todos os homens são comuns as virtudes que compõem a virtude política (*πολιτική ἀρετή*) (322d; 325a). Quanto à pergunta de Sócrates sobre se é possível ensinar a virtude política, Protágoras responde que sim. O argumento do sofista parte do comportamento dos homens em relação àqueles que são imorais. Os homens não tratam mal e repreendem seus semelhantes por possuírem defeitos oriundos de sua natureza; por exemplo: não se pune um homem por ser muito baixo ou muito alto, por ser feio ou coxo, por defeitos naturais ou do acaso. Isso porque esses defeitos não podem ser corrigidos por educação alguma. Contudo, os defeitos relacionados à justiça e ao respeito, ou seja, às partes da virtude política, são malvistos e condenados pelos homens, que aplicam punições a fim de corrigi-los (323d).

O mito contado por Protágoras não resume o diálogo platônico que leva o nome desse sofista. Certamente o personagem Sócrates não se persuadiria com tão pouco nem pouparia Protágoras de suas objeções. Entretanto, já temos aqui o suficiente para iniciar a análise proposta neste trabalho. O mito contado pelo sofista apresenta uma doutrina ética e política que difere e chega a ser oposta a doutrina de Platão, o que veremos mais à frente. Por ora, nos atemos a analisar o mito à luz dos comentários de Luc Brisson.

Brisson, em sua análise do mito, encontra três oposições, a saber: deuses/mortais, homens/animais e técnica demiúrgica/técnica política. Na primeira das oposições temos de um lado os imortais e do outro os mortais, o que podemos ver, também, como aqueles que possuem uma existência não-dependente (os deuses) em oposição àqueles que possuem uma

existência dependente (os mortais). É possível notar a presença de uma tripartição funcional² no reino dos deuses. Zeus, o rei dos deuses, vive na acrópole da terra dos imortais. Aos arredores da acrópole estão os guardiões, anônimos, mas não de pouca importância; pois, foi por temor a eles que Prometeu não se arriscou a invadir a morada de Zeus para roubar o dom da política para os homens³. Além do território dos guardiões está a morada dos deuses de natureza técnica e produtora. Entre eles estão Atena e Hefesto que, da forma como conta Protágoras, parecem viver em morada comum; não por formarem um casal, mas por compartilharem da mesma espécie de natureza. Diante da morada dos deuses está a dos homens e dos animais, as duas partes da oposição a ser analisada a seguir.

Da mesma forma que a oposição deuses/mortais pôde ser vista sob outros aspectos, a oposição homem/animal também pode ser vista como o racional em contraste com o irracional; assim como o indeterminado em relação ao determinado. Os animais, irracionais, estão fadados ao determinismo; a irracionalidade não permite que o animal seja livre, que invente ou crie, pois ao animal não cabe a escolha. O homem, pelo contrário, graças ao presente de Prometeu, pode praticar diversas técnicas; tornando-se assim indeterminável. O cuidado de Epimeteu em distribuir equilibradamente as qualidades de cada animal, de modo a garantir a perpetuação de cada espécie, tornou o mundo dos animais fechado; pois todas as suas necessidades são naturalmente satisfeitas. Nesse caso, o determinismo substitui a razão. De outra parte, os homens carecem das qualidades que mantêm o equilíbrio no mundo animal (por descuido de Epimeteu): eles são desnudos, frágeis e de demorado processo de reprodução. Os presentes oferecidos aos humanos por Prometeu foram de grande ajuda para a preservação da espécie; entretanto, não foi o suficiente para que ela se perpetuasse. Apesar de, com o domínio do fogo e das técnicas de Hefesto e Atena, o homem ser capaz de produzir seu alimento e satisfazer algumas de suas necessidades básicas, ele vivia isolado e não era capaz de se defender. Assim, Hermes, ao presentear os homens, a mando de Zeus, com o respeito (αἰδώς) e a (δίκη), tornou possível o convívio dos homens com seus iguais. A presença da técnica política e a militar abre espaço para a terceira oposição.

² Segundo G. Dumézil, a tripartição funcional das sociedades já estava presente desde os tempos remotos nas sociedades indo-europeias. (cf. GRIMAL, 2005, pp. xv-xvii e VERNANT, 1990, p.54). Brisson identifica cada parte dessa tripartição como: 1) sobreania, em seu aspecto mágico e violento, jurídico e pacífico; 2) potência guerreira e a força física; 3) fecundidade e produção da alimentação e das riquezas sob todas as suas formas. (cf. BRISSON, 2003, p 143, n. 212.)

³ “Assim foi dotado o homem de conhecimento necessário para a vida; mas ficou sem possuir a sabedoria política; esta se encontrava com Zeus, e a Prometeu não era permitido penetrar na acrópole, a morada de Zeus, além de serem por demais temíveis as sentinelas de Zeus” (321d-e).

A introdução das qualidades básicas da técnica política infundiu entre os homens a tripartição funcional da qual falamos acima na divisão da morada dos deuses. A tripartição funcional na sociedade dos homens pode ser reorganizada, uma vez que a classe militar está diretamente ligada à política⁴, tornando-a uma bipartição mais simples e fundamental. De um lado da bipartição está a técnica demiúrgica, na qual se encontram as produções de equipamentos e agrícolas; do outro está a técnica política, na qual se encontram os governantes e guardiões. Podemos reconhecer como representante da primeira técnica Prometeu, e da segunda Hermes.

A técnica trazida por Prometeu permitiu ao homem a proximidade com os deuses. O parentesco desses mortais com os imortais os inclina naturalmente a adoração dos deuses; o fogo e a demiurgia possibilita ao homem construir os altares e imagens, além de oferecer os sacrifícios. O surgimento da linguagem e da comunicação entre os homens é posterior à adoração aos deuses, como vemos no mito (322a). Isso nos faz crer que para Protágoras, ao menos o personagem, a religião não é uma ferramenta derivada da política, mas natural do homem⁵. Depois da linguagem, o homem desenvolveu as técnicas demiúrgicas; que o possibilitou criar ferramentas e, com elas, desenvolver a agricultura.

A demiurgia permite aos homens a produção e o desenvolvimento de muitas coisas, porém, não permite que eles vivam em comunidades uns com os outros. A linguagem não é o suficiente para que os homens possam ter uma boa relação. O isolamento deixa o homem ainda mais vulnerável, pois ele está cercado por feras. Sozinho, o homem não é capaz de se proteger de tantas ameaças. Para que haja uma proteção eficiente, é necessário a existência de um poder militar que trabalhe pela segurança dos homens. Entretanto, para que haja um poder militar eficiente, é preciso que haja uma organização política com leis capazes de alinhar e manter ordenado esse poder militar.

Assim percebeu Zeus que a técnica política era essencial para que a raça dos homens

⁴ Na *República* IV 414b, Sócrates classifica tanto o poder militar quanto os governantes da *kallípolis* como guardiões (φύλακες), identificando o primeiro como auxiliares (ἐπίκουροι) enquanto que os governantes ficam com os títulos de guardiões perfeitos (τέλειοι φύλακες) (428d), guardiões completos (παντελεῖς φύλακες) (414b) ou simplesmente governantes (ἄρχοντες).

⁵ Por ser tradicionalmente estabelecido que o Protágoras histórico era agnóstico, a afirmação do personagem Protágoras de que a adoração é natural ao homem e que foi a primeira coisa a ser desenvolvida por esses mortais, soa estranho ao pensamento do sofista; o que leva a pensar que essa ideia é muito mais platônica do que protagórica. Guthrie reconcilia essa aparente discordância dizendo que “o próprio Protágoras provavelmente reconhece a adoração como algo de peculiar, e talvez necessário, ao homem, sem se empenhar na existência de seu objeto”. Além disso, apoiado no fr.4 do próprio sofista e no *Teeteto* de Platão, Guthrie sustenta que Protágoras nunca negou a existência dos deuses; apenas considerava impossível ter certeza que eles de fato existam (GUTHRIE, 1995, p.66 e p.66, n.24).

não se extinguísse, e ordenou que Hermes distribuísse em igual parcela o respeito e a justiça (322d). Em igual parcela, pois, se apenas uma minoria de homens fosse dotada dessas virtudes, não seria possível a formação de cidades; sendo assim, seria inútil que alguns homens fossem dotados de respeito e justiça enquanto muitos outros a ignorassem. Diferentemente das demiurgias em que um especialista supre as necessidades de uma grande quantidade de homens; por exemplo: um médico já é suficiente no meio de muitos leigos. Prometeu distribuiu as especialidades demiúrgicas de modo que elas formassem um bem muito maior no coletivo do que no individual, reforçando a necessidade dos homens de conviverem em comunidades.

O mito contado por Protágoras não é um mero arranjo de peças separadas, mas uma organização dramática (BRISSON, 2003, p. 152.). Com isso quero dizer que os personagens, principalmente os imortais intermediários entre os deuses e os homens, não foram escolhidos ao acaso. Cabe agora fazer uma análise desses três conectores entre homens e deuses: Epimeteu, Prometeu e Hermes. Em comum, além de serem imortais, todos os três são tradicionalmente intermediários entre homens e deuses na mitologia grega. Os irmãos Prometeu e Epimeteu são da terceira geração dos imortais, Hermes é da quarta. É possível aqui fazer uma analogia progressista entre a geração desses imortais e os dons que eles trouxeram aos homens. Digo progressista, pois, tendo em vista que a técnica política, trazida por Hermes, foi o que permitiu a preservação da espécie humana; e, portanto, é superior a técnica demiúrgica, trazida por Prometeu; é possível relacioná-las a ideia de progresso (ou uma hierarquia evolucionista), em que a geração posterior é sempre melhor que a anterior.

Entre os irmãos Prometeu e Epimeteu, a diferença começa pelo prefixo dos nomes. Epimeteu, “aquele que pensa depois”, distribuiu as qualidades aos animais e esquece dos homens, sendo dessa forma possível identificá-lo como benfeitor dos animais. Prometeu, “aquele que pensa antes”, ou o “previdente”, como chama Vernant (1990, p.317), é dotado de astúcia (μητις) e se arrisca em benefício dos homens. Ambos cumprem uma função ambígua: Epimeteu, apesar de fazer um trabalho legítimo e um favor aos deuses, o faz malfeito e incompleto; Prometeu, que tenta corrigir a negligência do irmão e suprir a necessidade dos homens, é perseguido pela justiça divina pelo seu serviço ilegítimo prestado aos mortais. Hermes é o único a fazer um serviço perfeito, isto é, bom e legítimo. Porém, diferente de Prometeu, o mensageiro dos deuses não foi guiado pela própria μητις, mas pela de Zeus.

Conclusão

Com o mito, Protágoras ressalta e defende o caráter democrático de Atenas do século V. Ao tratar a política como uma técnica (τέχνη), estabelecer seus elementos básicos (a αἰδώς e a δίκη) e defendê-los como comuns a todos; Protágoras faz uma apologia da polis democrática com o objetivo de legitimar o seu ofício de sofista, que é ensinar a virtude (ἀρετή) política⁶.

O pensamento político de Protágoras bate de frente com o de Platão, principalmente o exposto na *República*. O filósofo ateniense é claramente contra a democracia e considera que para governar, não basta ao homem a αἰδώς e a δίκη, mas também é necessário possuir temperança (σωφροσύνη), coragem (ἀνδρεία) e sabedoria (σοφία). Contudo, essas virtudes não são comuns a todos os homens. Para o Platão da *República*, que defende uma aristocracia filosófica, baseada numa antropologia aristocrática, as disposições às virtudes são naturais e em proporções diferentes em cada homem. Desse modo, o desenvolvimento do conhecimento político necessário ao governante é uma potência apenas àqueles de natureza filosófica.

À luz da análise feita por Brisson, pode-se ver que o mito contado por Protágoras tem como objeto a formação da polis democrática. Nas duas primeiras oposições temos a relação do homem com aqueles que estão além e aquém da cidade. Na primeira, a relação do homem com os deuses: relação de dependência e subordinação. Na segunda, temos a relação entre homens e animais; esta relação é a ponte para o ápice do mito: a relação entre a técnica demiúrgica e a política. Essas oposições, segundo Vernant (1990, p.319), são propositais e parte da ironia platônica. Platão se compraz fazer Protágoras defender com um mito que há uma evidente oposição entre o saber técnico (demiúrgico) e o saber político; tal como o homem se opõe aos deuses a aos animais. Há uma diferença muito grande entre homens e deuses, e entre animais e homens. Da mesma forma que parece absurdo equipararmos um a outro, é absurdo tratar de modo equivalente o saber técnico e o saber político.

⁶ Para Guthrie, a visão de Protágoras, apesar de lançar mão de um mito, é baseada numa antropologia não-mítica; na qual a política e a aversão dos homens aos seus semelhantes sem αἰδώς e δίκη, simbolizado pelo decreto de Zeus, é “fruto do trabalho do tempo, da experiência amarga e da necessidade” (GUTHRIE, 1995, p.67). O sofista, em resposta à questão de Sócrates, oferece duas formas demonstrá-la: por meio de um mito (μῦθος) ou por meio de um discurso (λόγος). As duas formas de respostas possuem igual valor; a diferença está na maior facilidade de aceitação e compreensão do mito por conta de suas ilustrações, além de ser mais prazeroso de ouvir.

Referências

BRISSON, L. **Leituras de Platão**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

GRIMAL, P. **Dicionário da mitologia grega e romana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

GUTHRIE, W.K.C. **Os Sofistas**. São Paulo: Paulus, 1995.

PLATÃO. **Protágoras**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1999.

_____. **A República**. Tradução e organização J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2006.

VERNANT, J-P. **Mito e pensamento entre os Gregos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.